

A NOÇÃO NIETZSCHIANA DE ETERNO RETORNO COMO UM PRESSUPOSTO ÉTICO⁷⁰

Hedy Carlos Santos de Pina*

Resumo: O presente trabalho pretende discorrer sobre uma das principais noções da filosofia de F. W. Nietzsche, o eterno retorno. Entre as diversas perspectivas de interpretação que se tem e que se possa fazer, propomo-nos discutir exclusivamente o problema ético do eterno retorno a partir de alguns textos das obras escritas do filósofo e de alguns estudiosos do assunto. Por esse viés, esperamos estimular um diálogo entre o pensamento ético de eterno retorno de Nietzsche com os outros princípios éticos como o de Immanuel Kant que o influenciaram e serviram, também, como objeto de crítica. Um exame mais pormenorizado e aprofundado acerca do significado do eterno retorno de certo demandaria uma quantidade maior e diversificada de pesquisas, incluindo não unicamente as obras publicadas pelo filósofo, mas também um amplo material publicado postumamente. Sob esse ângulo, o presente texto deve ser entendido como uma indicação para futuras pesquisas.

Palavras-Chave: Eterno retorno; Ética; Imperativos éticos

⁷⁰ Nota de esclarecimento: Trabalhar com a obra de determinado autor, principalmente em filosofia, requer que antes de iniciarmos propriamente o texto, deixemos claro o nosso posicionamento quanto à utilização de terminologias, abreviaturas e traduções de conceitos desse autor. Com Nietzsche não seria diferente. Com efeito, a diversidade de sua obra – aí se incluindo as publicadas pelo autor e em nome dele – bem como a variedade de estilos e “fluidez” conceitual assim o exigem. Assim, no que diz respeito às citações, são de Nietzsche as obras sem indicação de autor. Optou-se por fazer referência não ao ano de publicação da edição utilizada de uma obra, mas à abreviatura do título conforme a legenda abaixo: EH/EH - Ecce homo / Ecce homo (1888 – 1908) FW/GC - Die fröhliche Wissenschaft / A Gaia ciência (1882, 1886) GB/BM - Jenseits von Gut und Böse / Para além do bem e do mal (1886) GD/CI - GötzenDämmerung / Crepúsculo dos ídolos (1888 - 1889) Za/ZA - Also sprach Zarathustra / Assim falou Zarathustra (1883-1885). Para a obra publicada, o algarismo arábico indica o aforismo, normalmente seguido, após vírgula, da página referente à tradução brasileira utilizada; no caso de GM, Z e GD/CI, o algarismo romano anterior ao arábico remete à parte do livro, seguindo-se, no caso dos dois últimos, o capítulo ou título do discurso. Para EH, o capítulo será indicado por algarismo romano, seguido, quando for o caso, da abreviatura da obra tema do capítulo. No caso dos fragmentos póstumos, o algarismo romano indica o volume da edição da KSA indicada, seguido do algarismo arábico que indica a seção, o número do fragmento em colchetes, e o ano em que foi escrito.

Para quase todos os textos de Nietzsche aqui utilizados, trabalhamos com a tradução de Paulo César de Souza; Z, com tradução de Mário da Silva. Para os volumes dos fragmentos IX a XIII, tomou-se a tradução de Marcos S. P. Fernandes e Francisco J. D. de Moraes para a seleção de fragmentos intitulada Vontade de poder (Rio de Janeiro: Contraponto, 2008). Para os demais autores, as referências em notas de rodapé indicam apenas: autor, título do livro ou artigo e a página. A referência completa, juntamente com a tradução, encontra-se nas referências bibliográficas ao final do artigo.

* Possui bacharelado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza; mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: hedycarlosp@gmail.com.

THE NIETZSCHIAN NOTION OF ETERNAL RETURN AS AN ETHICAL ASSUMPTION

Abstract: The present work intends to talk about one of the main notions of the philosophy of F. W. Nietzsche, The eternal recurrence. Among the diverse perspectives of interpretation that we have and that can be done, we propose to discuss exclusively the ethical problem of The eternal recurrence from some texts of the philosopher's written works and some scholars of the subject. Through this bias, we hope to stimulate a dialogue between Nietzsche's ethical thought of eternal recurrence with other ethical principles such as Emmanuel Kant's that influenced him and also served as an object of criticism. A more detailed and in-depth examination of the meaning of the eternal return of a certain thing would require a greater and more diversified amount of research, including not only the works published by the philosopher, but also a wide range of material published posthumously. From this angle, the present text should be understood as an indication for future research.

Keywords: The eternal recurrence. Ethic. Ethical imperatives.

Introdução: o eterno retorno, o pensamento abissal de Zarathustra, como o maior dos pesos.

É na *A gaia ciência* no aforismo 341 que o filósofo começa a anunciar de forma introdutória o que lhe vem ao pensamento sobre o eterno retorno. O penúltimo aforismo do livro IV, intitulado “O maior dos pesos” inicia com a proposição “E se”. A forma condicional, usada no início para apresentar o pensamento que lança um desafio ao leitor, revela o seu caráter hipotético e experimental. A fórmula hipotética do aforismo levou alguns comentadores a tomar o pensamento do eterno retorno como uma doutrina nietzschiana que trata das questões existenciais e não científicas. Uns defendem ser um meio de purificação, outros como prova de coragem, e outros como exercício de introspecção e outros ainda como guia de conduta ou “imperativo existencial”.⁷¹ Portanto, existem aqueles que defendem essa linha de interpretação do eterno retorno como uma concepção experimental.

No caso de *Assim falou Zarathustra* o eterno retorno não é anunciado pela boca do próprio Zarathustra, mas a partir do “anão” e dos animais de Zarathustra. Também nos quatro livros da obra, ao fazer uma simples introdução do pensamento, o autor mais vela do que releva aquilo que eterno retorno é. Disfarçado sob ou entre as simbologias,

⁷¹ MARTON, Scarlett. *O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?* p, 292.

imagens, metáforas e todas as máscaras do estilo poético que é a “sinfonia Zaratustra”, o eterno retorno permanece oculto à qualquer tentativa de descrição e argumentação racional. O Nietzsche-Zaratustra luta até as últimas forças para trazer do abismo profundo *o maior dos pesos*, mas toda palavra (do latim: *parábola* e do grego: *parabolé*=comparação, símbolo), todo falar (do latim: *fabulare*=contar fábulas) parece mais abafar e encobrir do que trazer à evidência e clareza no sentido cartesiano de conhecer.

Talvez o autor e o personagem não queiram ser compreendidos⁷² ao escrever ou silenciar sobre o “pensamento abissal”. Aquilo que se quer carregar da profundidade parece à Nietzsche-Zaratustra suportável somente aqueles de gosto mais nobre. Usa-se de simulacros, pois “todo que é profundo ama a máscara”⁷³, para dissimular e tornar incompreensível aos ouvidos dos supérfluos e abrir os dos mais aparentados.⁷⁴ Envoltos por camadas de signos, exige do leitor uma experiência e vivência similar ao do próprio autor-personagem. Quiçá uma luta interna travada com os próprios pensamentos que exige uma força descomunal para suportar o fardo e tamanha responsabilidade de anunciar aquilo que gerará uma transvaloração por séculos. Nessa perspectiva é possível entender porque Nietzsche nos textos publicados não apresenta o eterno retorno como objeto de exposição formal ou permanente.

Nos capítulos “Da visão e enigma” e “O convalescente”, sob circunstâncias dramáticas, é pressentido e anunciado o eterno retorno. Entre o horror e êxtase o conteúdo mesmo do que seja esse pensamento não é expresso. Zaratustra se irrita com o Anão que tenta simplificar e reduzir o “pensamento supremo” em “tudo o que é reto mente” e “toda verdade é curva, o próprio tempo é um círculo”.⁷⁵ Pode-se perceber que o Anão, ao responder de forma desdenhosa, já tinha um conhecimento prévio sobre o eterno retorno, pois não lhe parecia nenhuma novidade a circularidade do tempo e a repetição dos acontecimentos. Mas Zaratustra insiste e enquanto desafiava o Anão a perceber a profundidade do eterno retorno, o próprio Zaratustra se defrontava com um pensamento tão abissal e monstruoso que o fazia aos poucos silenciar-se sobre aquilo que tentava exprimir. Sendo assim, no capítulo “O convalescente”, Zaratustra afronta o seu pensamento gritando: “sobe, pensamento abissal, de minha profundeza! Eu sou teu

⁷² “Não queremos apenas ser compreendidos ao escrever, mas igualmente não ser compreendidos. De forma nenhuma constitui objeção a um livro o fato de uma pessoa achá-la incompreensível: talvez isso estivesse justamente na intenção do autor” FW/GC §381, 257.

⁷³ JGB/BM-II §40, 45.

⁷⁴ FW/GC §381, 257.

⁷⁵ Za/ZA, “Da visão e enigma” §2, p. 150.

galo e teu alvorecer, verme adormecido!”⁷⁶, na tentativa de acordar e trazer à luz a assombrosa ideia. Mas a nível que se aproxima e se clareia com a luz da superfície, causa um grande nojo e pavor naquele que ousou provocá-lo. O confronto travado com o monstro da sua própria profundidade sugou toda energia do Zaratustra que caiu no chão como um morto. Por sete dias ele permaneceu imóvel e silencioso enquanto que os seus animais tentavam animá-lo apresentando uma concepção de eterno retorno como uma repetição mecânica ou natural. Sorrindo, Zaratustra respondeu: “(...) vós já fizestes disso uma canção de realejo (...)”⁷⁷, vendo que os seus animais haviam banalizado o mais abismal pensamento.

No capítulo “Da visão e enigma”, Zaratustra havia se deparado com uma visão horrenda que lhe causou um grande nojo: uma serpente havia instalado na garganta de um jovem pastor. Assim narra Zaratustra:

E, em verdade, o que vi, jamais vira igual. Vi um jovem pastor se contorcendo, sufocando, estremecendo, com o rosto deformado, e uma negra, pesada serpente que lhe saía da boca.

Alguma vez vi tanto nojo e pálido horror em um rosto? Havia ele dormido? E a serpente rastejou para dentro de sua garganta – e ali mordeu firmemente.

Minha mão puxou e tornou a puxar a serpente: – em vão! Não consegui puxar a serpente da garganta. Então de dentro de mim se gritou: “Morde! Morde!

Corta a cabeça! Morde!” – assim se gritou de dentro de mim, meu horror, meu ódio, meu nojo, minha pena, tudo de bom e ruim gritou com um grito de dentro de mim.⁷⁸

Um enigma agora decifrado pelo próprio Zaratustra em “O convalescente” que “(...) ainda cansado desse morder e cuspir (...)” está doente da própria redenção. O que na ideia de eterno retorno havia adoentado Zaratustra, mas também é a sua própria redenção? O que o sufoca? O que desperta o grande nojo? E o que o cura?

O que tornava Zaratustra doente seria a percepção de que, com o círculo o eterno retorno, voltaria também o homem cansado e pequeno. Portanto, assim como o pastor da sua visão, “(...) o fastio pelo homem – isso me sufocou, me havia entrado pela garganta: e o que o vidente vaticinou: ‘Tudo é igual, nada vale a pena, o saber sufoca’”. Isso deixava Zaratustra triste e deprimido com tudo que existia. Para o seu consolo os seus animais o aconselharam a sair da caverna e inventar para si uma nova canção, mas ele responde sorrindo: “Ó bufões e realejos, calai-vos!” ... “Que eu tenha de voltar a

⁷⁶ Za/ZA, “O convalescente” §1, p. 207.

⁷⁷ Za/ZA, “O convalescente” §1, p. 209

⁷⁸ Za/ZA, “Do visão e enigma” §2, p. 152.

cantar – esse consolo inventei para mim, e essa cura: também disso quereis logo fazer uma canção de realejo?”. Enquanto os animais insistiam em consolar Zaratustra com suas concepções de eterno retorno, ele permanecia imóvel mergulhado no seu próprio pensamento envolto em um grande silêncio.

Com o silêncio de Zaratustra, nem os animais que esperavam dele um retorno e nem os leitores receberam uma resposta reveladora e definitiva de Nietzsche do que seria o eterno retorno pela boca do seu personagem. O conteúdo permaneceu subjacente às metáforas que permeiam toda obra de um estilo linguístico semelhante às sinfonias e escrituras sagradas.⁷⁹ A revelação daquilo que o pensamento de eterno retorno seja não se encontra explícita nos textos de *Zaratustra* ou nas anotações de 1881-1882. Tudo indica que o autor estaria projetando uma obra que talvez trouxesse noções de eterno retorno mais reveladora, mas não teve tempo para isso. Algumas notas de 1888, períodos que antecediam o colapso mental do autor, nos dão pistas de que ele possivelmente teria ido mais longe na exposição do seu pensamento.

Eterno retorno como imperativo ético

Se a formulação hipotética de eterno retorno é vivenciada e pensada por Nietzsche como um imperativo existencial que fornece princípios de ação ou como uma tese cosmológica é uma luta travada entre diversos intérpretes dessa ideia. Os adeptos da “concepção experimental” ou normativa da doutrina atendem ao caráter perspectivista que o filósofo adotou no seu filosofar. Portanto, para estes que defendem essa linha interpretativa concordam que o foco da doutrina reside nas questões existenciais e não nas questões científicas. Advogam que a noção do eterno retorno não se põe como uma teoria física ou empírica e muito menos como um fundamento metafísico, dado que o experimentalismo é uma opção filosófica que Nietzsche faz para abordar os problemas em suas múltiplas formas.⁸⁰

Assim como experimento de pensamento, pela primeira vez Nietzsche escreve sobre o eterno retorno:

⁷⁹ “Em uma carta de 31 de julho de 1885 a Paul Heinrich Widemann, volta a descrever como *finale*, como ‘finale inpublicável e ousado da minha ‘sinfonia’, que precisa ser mantido em segredo’” e “Em um cartão postal de 17 de abril de 1883. Köselitz nos dá uma dica referente às ‘escrituras sagradas’ que ele poderia ter tido em mente. Ele encerra o cartão com as palavras: ‘Louvado seja aquele, o Santo, o plenamente iluminado! – com esta apóstrofe budista, saúda-o, sem ser budista, com a devoção de um aluno – seu grato Köselitz’”. FRANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: Uma biografia*. p. 169-177.

⁸⁰ MARTON, Scarlett. *O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?* p. 292.

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”. – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”, pesaria sobre seus atos como maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não *desejar nada* além dessa última, eterna confirmação e chancela?⁸¹

Nessa reflexão ao interlocutor é colocada uma desafiadora hipótese pelo demônio, uma suposta voz interior que o põe em xeque. O que está em jogo aqui é a posição do interlocutor, ou do leitor, ou mesmo do próprio autor perante sua existência. A reação ou a resposta a ser dada definirá a tipologia daquele que se sentiu desafiado.

Com relação aqueles cuja vida já é um peso e estão cansados deste mundo do devir e buscam uma saída e descanso num além onde tudo é fixo e eterno, o pensamento de eterno retorno cai sobre eles como *o maior dos pesos* e os esmagará, certamente. Pois a noção de que tudo retorna incessantemente nessa onda do devir ameaça todo antídoto e consolo do homem que não suporta este mundo. O eterno curso circular coloca em dúvida toda pretensão de um fim, uma vez que “se o mundo tivesse um fim, ele haveria de já ter sido alcançado”⁸², segundo afirma Nietzsche no aforismo póstumo de junho-julho de 1885. Também põe em suspeita os dogmas morais metafísicos e religiosos que fazem da interpretação moral do mundo como a única, a verdadeira e absoluta. Portanto, a doutrina de eterno retorno reafirma a morte de Deus e o vazio de sentido que surgirá após a derrocada do cristianismo e de toda moral.

Para outros, esse maior dos pesos pode se apresentar como “a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar”⁸³. Este peso se apresenta como a nova medida, ou seja, uma nova forma de avaliação capaz de fornecer uma perspectiva mais afirmadora da vida viável para superar o vazio de sentido, o nada. Bem-aventurados são os fortes e felizes porque não olham para “longínquas e desconhecidas

⁸¹ FW/GC §341, 205.

⁸² 36[15] de junho-julho de 1885

⁸³ EH/EH-IX§1, 79.

beatitudes, bênçãos e graças”, mas vivem “de tal modo que queriam viver ainda uma vez e queriam viver assim pela eternidade!”.⁸⁴ A estes o eterno retorno é o dionisíaco dizer sim ao mundo, tal como ele é. Uma aceitação não passiva e resignada, mas afirmadora e transformadora na medida em que inverte toda perspectiva avaliadora. Uma doutrina que consiste em viver de tal maneira que se deseja em viver de novo.⁸⁵

A preocupação central de Nietzsche nas suas reflexões ou o que vai se tornando a mais inquieta temática é o niilismo da sua época, “o que vem, o que não pode mais vir de outro modo” da ausência de sentido provocada pelo desbotamento dos valores transcendentais. Contra todo sentimento e crença de que “nada mais faz sentido”, “nada mais vale a pena” Nietzsche anuncia na sua filosofia experimental a possibilidade do niilismo radical que faz crítica ao fundamento de todos os valores sem perder o seu caráter afirmativo:

Uma filosofia experimental assim, tal como vivo, toma de antemão como ensaio mesmo as possibilidades do niilismo fundamental: sem que com isso fosse dito que ela estacionasse em uma negação, em um não, em uma vontade de não. Ela quer, antes, atravessar até o inverso – até um dizer sim dionisíaco ao mundo tal como ele é, sem subtrações, exceções e seleções – ela quer o eterno círculo – as mesmas coisas, a mesma lógica e não lógica de nós. O estado do supremo que um filósofo pode alcançar: permanecer dionisíaco em relação à existência –: minha fórmula para tanto é *amor fati*.⁸⁶

Um niilismo que possui em si um máximo de força violenta capaz de destruir, a partir de sua crítica, todo tipo de valores ultramundanos que negam esta vida como ela é sem necessariamente fixar-se na negação.

A percepção do eterno retorno não deixa de ser o maior dos pesos tanto para cansados e fatigados dessa vida quanto para os fortes e de “espíritos livres” que a desejam mais uma vez. Aos primeiros ela oprime, pesa e esmaga, pois não suportam enxergar a realidade sem ficções, ideais e esperanças num além. Aos segundos, num primeiro momento da visão, ele parece como a mais custosa tarefa que deve ser carregada sem perder o ânimo e a alegria de viver. Na sua autobiografia, Nietzsche aponta Zarathustra como o primeiro a ter a mais dura e terrível percepção da realidade, mas que a suportou sem perder a leveza de um dançarino. Diz Nietzsche:

⁸⁴ 11(161) da primavera-outono de 1881.

⁸⁵ 11(163) da primavera-outono de 1881.

⁸⁶ 16 (32) da primavera-verão de 1888.

Mas esta é a ideia mesma do Dionísio. – Outra consideração conduz igualmente a ela. O problema psicológico no tipo Zaratustra consiste em como aquele em grau inaudito diz Não, *faz* Não a tudo a que até então se disse Sim, pode no entanto ser o oposto de um espírito de negação; como o espírito portador do mais pesado destino, de uma fatalidade de tarefa, pode no entanto ser o mais além e mais leve – Zaratustra é um dançarino –: como aquele que tem a mais dura e terrível percepção da realidade, que pensou o “mais abismal pensamento”, não encontra nisso entretanto objeção alguma ao existir, sequer ao seu eterno retorno – antes uma razão a mais para *ser ele mesmo* o eterno Sim a todas as coisas, “o imenso ilimitado Sim e Amém”... “A todos os abismos levo a bênção do meu Sim”... *Mas esta é a ideia do Dionísio mais uma vez.*⁸⁷

Essa suprema afirmação, o grande Sim dionisíaco ao mundo parece estabelecer um princípio de ação que conduz à superação do niilismo. Um imperativo ético que põe em marcha uma tentativa de transvaloração de todos os valores.

Eis a grande tarefa, o mais pesado destino que pesa sobre Zaratustra. Apesar da tamanha sina, “o mestre do eterno retorno” – título dado a ele pelos seus animais – não se apequena e nem se sucumbe sob o fardo. Como mestre, ele ensina a não só aceitar o desafio como passar a amar incondicionalmente o próprio destino.⁸⁸ Para isso, é necessário ter a coragem para a autossuperação, para uma travessia da ponte do eterno retorno. Do cansaço e da tristeza daquilo que sufocava – o asco de que o homem pequeno também retorna – ao riso dionisíaco da suprema afirmação. A visão e o enigma do jovem pastor é a previsão que o vidente Zaratustra possui, talvez, daquele que incorporou o “pensamento abismal” e o coloca na prática. Sob este prisma, a visão de Zaratustra parece fazer uma conexão entre a doutrina do eterno retorno e o super-homem anunciado ao longo dos três livros.

O tipo super-homem, portanto, nessa perspectiva, se configura como aquele que superou o homem na medida em que superou o grande asco pelo retorno eterno do homem pequeno e o niilismo que surge do cansaço e ressentimento contra a vida. Assim, um novo horizonte aparece após a morte de Deus para os ousados marinheiros, tentadores que “tenha se lançado velas astutas em mares inexplorados”.⁸⁹ Aqueles que buscam superar-se não esperam por uma salvação escatológica que o redime do sofrimento e da dor que acompanha toda existência. A redenção, segundo representa a visão de Zaratustra em que em vão ele tenta puxar a negra serpente da garganta do

⁸⁷ EH/EH-IX§6, 86-87.

⁸⁸ Em latim original. *Fati* é genitivo de *fatum*. *Fatum* significa “fatalidade, destino”. Amor *fati* significa, portanto, “amor ao destino”. Nota do tradutor da Vontade de Poder.

⁸⁹ Za/ZA, “Do enigma” §2, p. 152.

pastor, não vem do exterior, mas das profundezas do indivíduo. Apesar de a autossuperação ser um processo individual, singular, sem um estágio fixo e acabado, ela não é fruto de uma subjetividade autônoma.

No pensamento nietzschiano de eterno retorno convive um imperativo de ação que “consiste em viver de tal maneira que devas desejar viver de novo” e o determinismo de que tudo retorna independente do querer, pois o indivíduo viverá de novo de qualquer modo.⁹⁰ Bem antes da elaboração do conceito, no aforismo 106 do livro *Humano demasiado humano*, Nietzsche já considerava o livre-arbítrio como uma ilusão. Aí é dito:

À vista de uma cachoeira, acreditamos ver inúmeras curvas, serpenteios, quebras de ondas, o arbítrio da vontade e do gosto; mas tudo é necessário, cada movimento é matematicamente calculável. Assim também como as ações humanas; deveríamos poder calcular previamente cada ação isolada, se fôssemos onisciente, de mesmo modo cada avanço do conhecimento, cada erro, cada maldade. É certo que mesmo aquele que age se prende à ilusão do livre-arbítrio; se num instante a roda do mundo parasse, e existisse uma inteligência onisciente, calculadora, a fim de aproveitar essa pausa, ele poderia relatar o futuro de cada trilha por onde essa roda passará. A ilusão acerca de si mesmo daquele que age, a suposição do livre-arbítrio, é parte desse mecanicismo que seria calculado.⁹¹

Um fatalismo inscrito em todos os acontecimentos e que se estende também às ações humanas que são determinadas por uma pluralidade de forças de afetos que disputam por mais poder.

Alguns comentadores de Nietzsche, no caso do George Simmel (cf. 1990), Karl Löwith (cf. 1956, pp. 31-113), Friedrich Kaulbach (cf. 1980, pp. 149ss) e Gilles Deleuze (cf. 1962, cap. III; 1965), tentam aproximar a doutrina de eterno retorno do imperativo categórico de Kant. Defendem haver uma semelhança profunda na estrutura de ambos. Talvez a forma imperativa presente num fragmento póstumo que diz: “mas viver de tal modo que queiramos viver ainda uma vez mais e queiramos viver assim pela eternidade! – A cada instante nossa tarefa nos reclama”⁹² tenha servido de base para a comparação com o imperativo kantiano que adverte: “Age apenas segundo uma

⁹⁰ 11 (163) da primavera-outono de 1881.

⁹¹ MA/HH §106, p. 76

⁹² 11(161) da primavera-outono de 1881.

máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal”⁹³. Ou como acredita Deleuze que o eterno retorno nos dá uma paródia da regra Kantiana⁹⁴.

Na interpretação de Deleuze o eterno retorno não é a repetição do mesmo ou a volta do igual, mas o retorno do diferente. Para ele, essa seria a causa da cura do Zarathustra que compreende, portanto, o desigual e a seleção no eterno retorno. Segundo o comentador, o eterno retorno se refere somente ao devir, ao múltiplo e ele o compreende como “a lei de um mundo sem ser, sem unidade, sem identidade”. Portanto, para Deleuze, “ele constitui a única unidade do múltiplo enquanto tal, a única identidade do que defere: o retorno é o único ‘ser’ do devir”. A função do eterno retorno seria, assim, autenticar e não identificar⁹⁵. Sendo seletivo em pensamento, como defende Deleuze, o eterno retorno elimina os “semiquereres” e “semipotências no ser”. Nada do que seja fraco e moderado, segundo ele, pode retornar: o homem pequeno, mas somente retorna a forma superior de tudo o que é: o super-homem.⁹⁶

Ao eliminar os semiquereres e autenticar os quereres “(...) o eterno retorno nos dá uma paródia da regra kantiana. Desde que tu queiras, queira-o de tal maneira que tu dele também queiras o eterno retorno...”. De mesma forma que o imperativo categórico de Kant estabelece como a mais elevada a ação derivada de um querer autêntico – uma vontade que seu agir se torna uma máxima universal – o eterno retorno, segundo Deleuze, “(...) tem a função de separar as formas superiores das formas médias (...)” ou na verdade “(...) cria as formas superiores”. O eterno retorno dá uma autenticidade ao querer e exclui do retorno todas as vontades moderadas e todos os quereres pela metade. De acordo com o comentador francês, como uma seleção criadora, o eterno retorno potencializa e eleva as coisas à uma forma superior produzindo, assim, o Super-homem definido como “(...) forma superior de tudo o que é”.⁹⁷

Outros comentadores como Bernd Magnus (cf. 1983, p. 65) e Alexandre Nehamas (1985, p. 174) possuem uma visão divergente e veem como insustentável a tentativa de equiparação entre a doutrina de eterno retorno e a regra do imperativo

⁹³ Kant FMC segunda sessão p. 129.

⁹⁴ DELEUZE, Gilles. Conclusões sobre a vontade de potência e o eterno retorno. In: *A ilha deserta*. p. 164

⁹⁵ “O eterno retorno se encarrega de autenticar: não identificar o mesmo, mas autenticar os quereres, as máscaras e os papéis e as potências”. DELEUZE, Gilles. Conclusões sobre a vontade de potência e o eterno retorno. In: *A ilha deserta*. p. 165

⁹⁶ DELEUZE, Gilles. Conclusões sobre a vontade de potência e o eterno retorno. In: *A ilha deserta*. p. 163-165.

⁹⁷ DELEUZE, Gilles. Conclusões sobre a vontade de potência e o eterno retorno. In: *A ilha deserta*. p. 163-165.

categórico. Primeiramente, enquanto Kant no imperativo categórico quer incluir os juízos sobre as ações individuais numa lei moral racional, o eterno retorno nietzschiano destaca o caráter singular e irrecuperável de cada ação. O princípio kantiano supõe uma consciência moral dada pela razão que determina a vontade do homem, enquanto que a doutrina nietzschiana presume que são os pensamentos, sentimentos e impulsos que lhe decreta como agir. Além do mais, o fundamento da filosofia moral kantiana é a autonomia ou a liberdade que pressupõe um “eu transcendental” responsável pelas suas ações. O que contraria as refutações feitas por Nietzsche às ideias do livre-arbítrio, da consciência, do “eu”.

No parágrafo 19 do *Além do bem e do mal* Nietzsche considera a vontade não somente um “complexo de sentir e pensar, mas sobretudo um afeto: aquele afeto de comando”. Quem comanda tem um sentimento de liberdade e superioridade em relação àquele que obedece. Segundo o filósofo há um aumento da sensação de poder na medida em que o executor de uma ação atribui o êxito à execução do próprio querer, acreditando assim na identidade entre vontade e ação. O corpo do querente se constitui meramente por uma estrutura social de muitos afetos, logo, a percepção de “livre-arbítrio” seria de certo modo “a expressão para o multiforme estado de prazer do querente, que ordena e ao mesmo tempo se identifica com o executor da ordem – que, como tal, goza também do triunfo sobre as resistências, mas pensa consigo que foi sua vontade que as superou”.⁹⁸

Portanto, a vontade como fundamento da moral não passaria de um emaranhado de relações de predominância e subjugação de impulsos numa luta incessante pelo poder. Segundo Nietzsche, a própria moral pode ser compreendida como uma manifestação da vontade de poder, pois, como ele mesmo diz: “moral, entenda-se, como teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno ‘vida’”. Essa dominação se efetiva na medida em que um filósofo responsabiliza o homem pelo seu ato. No aforismo 107 intitulado “Irresponsabilidade e inocência” do livro *Humano demasiado humano* Nietzsche afirma que a mais amarga gota que o homem de conhecimento tem que tragar é a total irresponsabilidade do homem por seus atos e seu ser. Segundo ele, a moral havia produzido na modernidade um tipo de homem tolo, injusto, consciente da culpa.

⁹⁸ JGB/BM-I §19, p. 24-25.

Se Kant acredita existir um princípio moral universal e uma ação movida pela autonomia dada pela razão, Nietzsche defende o caráter singular de cada ação guiada por uma pluralidade de afetos do homem. E a Kant, Nietzsche tece a seguinte crítica na obra *O anticristo*:

Mais uma palavra ainda contra Kant como moralista. Uma virtude tem de ser nossa invenção, nossa defesa e necessidade personalíssima: em qualquer outro sentido é apenas um perigo. O que não é condição de nossa vida a prejudica: virtude oriunda apenas de um sentimento de respeito ao conceito de “virtude”, como queria Kant, é prejudicial. A “virtude”, o “dever”, o “bom em si”, o bom com o caráter de impessoalidade e validade geral – fantasias nas quais se exprime o declínio, o esgotamento final da vida, o chinesismo königsberguiano. As mais profundas leis da conservação e do crescimento exigem o oposto: que cada qual invente sua virtude, seu imperativo categórico.⁹⁹

Enquanto Kant submete todas as circunstâncias e interesses pessoais a um princípio que norteia as ações humanas, Nietzsche alega que tais princípios dependem das situações e das vantagens particulares.

Não havendo, portanto, uma moral desinteressada, segundo Nietzsche, o imperativo categórico seria fruto de um egoísmo que estabelece seu próprio juízo como uma lei universal. Além de não reconhecer tal egoísmo, o filósofo de Königsberg, conforme Nietzsche, não criou para si um ideal próprio.¹⁰⁰ A doutrina do eterno retorno pressupõe que cada ação é desigual, única e não poderá mais ser realizada da mesma maneira. E mesmo que se repita no futuro será meramente uma aparência externa de igualdade¹⁰¹. Assim sendo, não poderia ser concebida uma máxima única de agir que poderia ser seguida por um outra, ou por todas independentemente das circunstâncias e interesses particulares. A cada ação realizada “uma vez, tão somente uma vez”, o

⁹⁹ AC §11, p. 16.

¹⁰⁰ “E agora não me venha falar de imperativo categórico, meu amigo! – essa expressão me faz cócegas no ouvido e eu tenho que rir, mesmo em sua tão séria presença: lembra-me o velho Kant, que, como punição por ter obtido furtivamente a “coisa em si” – também algo ridículo! –, foi furtivamente tomado pelo ‘imperativo categórico’, e com ele no coração extraviou-se de volta para “Deus”, “alma”, “liberdade” e “imortalidade”, semelhante a uma raposa que se extravia de volta para a jaula – e a sua força e esperteza é que havia arrombado a jaula! – Como? Você admira o imperativo categórico em você? Essa “firmeza” do que é chamado seu juízo moral? Essa “incondicionalidade” do sentimento de que “nisto todos têm de julgar como eu?” Admite antes o seu egoísmo nisso! E a cegueira, estreiteza e modéstia do egoísmo! Pois egoísmo é sentir próprio juízo como uma lei universal; e novamente um egoísmo cego, estreito e modesto, porque mostra que você ainda não descobriu a si mesmo, ainda não criou para si um ideal próprio, bastante próprio – pois ele não poderia jamais ser o de outro, e muito menos o de todos, todos! – quem ainda julga que “assim deveriam agir todos nesse caso” não chegou a andar cinco passos no autoconhecimento” FW/GC §335, 198-199.

¹⁰¹ FW/GC §335, 199.

homem que incorporou o eterno retorno vai se realizando segundo a máxima de Píndaro: “Tornar-se o que se é”.

Considerações finais

Na medida em que Nietzsche apresenta a noção de eterno retorno como uma hipótese ética, sem a pretensão de uma universalização, o autor provoca o leitor a uma avaliação da própria existência. Nessa suposição não é levada em consideração a validade e a comprovação empírica da hipótese, mas a reação que ela pretende provocar em quem lê. E o intento é: se a vida tal como a vivo, não desejo vivê-la mais uma vez, ou pior, vivê-la eternamente numa repetição infinita, significa que tal vida não vale a pena ser vivida; mas se for o contrário, ou seja, se há um *amor fati*, amor à própria existência, por mais que ela seja cheia de sofrimento e dor, ela se torna leve. Quicá a noção de eterno retorno leve aquele de espírito cansado e enfadonho a reavaliar a própria existência e buscar um sentido mais elevado e afirmador de cada instante.

Referências

- BRUSOTTI, Marco. O eterno retorno do mesmo em Assim falou Zarathustra. **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 149-167, jul./dez. 2012.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche et la philosophie**. Paris: PUF, 1962.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Paris: PUF, 1965.
- DELEUZE, Gilles. Conclusões sobre a vontade de potência e eterno retorno. **A ilha deserta**. Trad. de Luiz B. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2007. cap. 15, p. 155-166.
- JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**, volume II: os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Trad. de Markus A. Hediger, Luís M. Sander. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 1995. (FMC)
- KAULBACH, F. **Nietzsches Idee einer Experimentalphilosophie**. Köln/Wien: Böhlau Verlag, 1980.
- LÖWITH, K. **Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Geichen**. Stuttgart: Kohlhammer, 1956.

- MACEDO, Iracema. Zaratustra, compaixão e amor *fati*. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabrina; BARROS, Tiago (Orgs.). **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p. 83-96.
- MAGNUS, B. **Nietzsche's Existential Imperative**. Bloomington: Indiana University Press, 1978.
- MAGNUS, B. "Eternal recurrence". **Nietzsche-Studien**, nº 8. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1979.
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MARTON, Scarlett. A morte de deus e a transvaloração dos valores. **Hypnoe**, São Paulo ano 4/ n. 5, p. 133-134, 2 sem. 1999.
- MARTON, Scarlett. Nietzsche, reflexão filosófica e vivência. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabrina; BARROS, Tiago (Orgs.). **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p. 273-282.
- MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Ética**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013. p. 289-317.
- MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo, "a concepção básica de Zaratustra". **Cadernos Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v. 37, n. 2, p. 11-46, jul./set. 2016.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche**: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- NEHAMAS, A. "The eternal recurrence". **Philosophical Review**, 99, 1980.
- NEHAMAS, A. "How One Becomes What One Is". In: **The Philosophical Review**, XCIII, n. 3, Cornell University, 1983. NEHAMAS, A. Nietzsche: Live as Literature. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- NEVES, Juliano. O eterno retorno hoje. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo, n. 32, p. 283-296, 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Trad. de Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro, Contaponto, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia De Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

RUBIRA, Luís. Uma introdução à transvaloração de todos os valores na obra de Nietzsche. **Tempo da Ciência**, Paraná, v. 12, n. 24, p. 113-122, 2º sem. 2005.

SALAQUARDA, Jörg. A concepção básica de Zaratustra. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo, n. 2, p. 17-39, 1997.

SIMMEL, **Schopenhauer und Nietzsche** (Tendenzen im deutschen Leben und Denkenseit 1870). Hamburg: Junius Verlag., 1990. [Primeira edição de 1906].